

Entrevista

Entrevista com Horst Kaechele

Sao Paulo Sept. 1994

Desde a adolescência, o pesquisador Horst Kaechele, professor do Departamento de Psicoterapia e Medicina Psicossomática da Universidade de Ulm e diretor do Centro de Pesquisa em Psicoterapia Stuttgart (na Alemanha), havia eleito a psicanálise como o caminho seguir.

Kaechele nasceu na Áustria, em 1944, e formou-se em 1969 na Faculdade de Medicina da Universidade de Munique, na Alemanha. Ele iniciou sua carreira acadêmica como pesquisador associado do Departamento de Psicoterapia da Universidade de Ulm, em 1970, e, em 1977, foi nomeado professor associado e chefe do setor de Metodologia Psicanalítica do Departamento de Psicoterapia dessa universidade, onde se tornou catedrático em 1990.

Em agosto, Kaechele esteve no Brasil, onde participou de seminários na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), e falou sobre avanços metodológicos em pesquisa em psicoterapia. Ele afirmou ser possível fazer pesquisa empírica quantitativa e qualitativa em psicanálise e psicoterapia e disse que, em países como o Brasil, a psicoterapia ainda é vista como atividade mais cultural que científica. "Para muitos ainda é um procedimento xamanista", comentou.

Em entrevista à revista Psiquiatria Hoje, Kaechele fala da importância da pesquisa em psicoterapia e da eficiência dela em tratamento de distúrbios psiquiátricos.

Há quanto tempo o sr. faz pesquisas sobre psicoterapia e métodos de

Entrevista

pesquisa nessa área?

Horst Kaechele - Comecei em 1970 como pesquisador associado no Departamento de Psicoterapia, da Universidade Ulm. Eu era jovem e ingênuo à época, tinha 25 anos, sem nenhum treinamento formal em metodologia científica. Comecei minha educação psicanalítica e meu trabalho de pesquisa ao mesmo tempo.

Quando esse tipo de pesquisa começou na Europa?

HK - De modo formal, a pesquisa em psicoterapia psicanalítica começou na Alemanha em 1930, com a publicação de um relatório de Otto Fenichel sobre os dez anos do Instituto Psicanalítico de Berlim. Na Inglaterra, isso começou com um estudo de Edward Glover sobre práticas clínicas no Instituto Britânico, em Londres. Mas seu início de fato ocorreu após 1952, com o livro "Psicanálise como Ciência - As conferências Hixon sobre o status científico da psicanálise". Nessa obra, Lawrence Kubie discute os problemas e as técnicas de validação da psicanálise e seus progressos. No mesmo ano, Eysenck, um psicólogo britânico, publica uma crítica dura à eficácia de terapias psicanalíticas. Ele sugeriu que a recuperação espontânea do paciente seria melhor. Esse artigo motivou pesquisas sistemáticas em psicoterapia, o que levou à criação de uma sociedade internacional de pesquisa em psicoterapia em 1968, em Chicago (EUA).

O que exatamente é a psicoterapia?

HK - Ela pode ser definida como um método que usa meios psicológicos para tratar distúrbios psicológicos, psicossomáticos ou somáticos, com base em sua etiologia e patogênese.

A psicoterapia é eficiente para tratar distúrbios mentais?

Entrevista

HK - Tem-se demonstrado que ela é eficaz para vários tipos de distúrbios (ansiedade, distúrbios depressivos, os obsessivo-compulsivos e de personalidade). Sua eficiência é menor na esquizofrenia e em psicoses afetivas. Nesses últimos casos, terapias auxiliares têm promovido ganhos adicionais ao tratamento farmacológico.

Como ela funciona no tratamento dessas doenças e o que é considerado eficácia em psicoterapia?

HK - As medidas de eficácia, de efetividade e de eficiência têm de levar em consideração as perspectivas do paciente, do terapeuta e da sociedade. Elas não são intercambiáveis e têm um status próprio. Estudos sobre tratamentos experimentais medem a chamada eficácia, que ocorre sob condições ideais. Eles especificam relações de causa e efeito. Até o momento, foram feitos mais de dois mil desses estudos randomizados controlados. Pesquisas de campo avaliam a efetividade, sob condições práticas. Há poucos trabalhos em grande escala, embora existam milhares de estudos de campo em pequena escala. Estudos de viabilidade econômica são a nova meta nessa área. Eles medem a eficiência e o custo de tratamento e a qualidade de vida do paciente. A avaliação qualitativa de sintomas e de personalidade e de performance social formam um campo bem desenvolvido com várias abordagens disponíveis. Por exemplo, para os sintomas, o "Symptom Check List 90" é consenso internacional. A performance pessoal tem sido medida por MMPI (Minnesota Multiphasic Personality Inventory - teste usado nos anos 60 e 70), ou por instrumentos psicométricos bem estabelecidos. Recentemente, propostas mais qualitativas têm sido feitas.

A psicoterapia pode ser aplicada a qualquer distúrbio psicológico ou tem indicações específicas?

Entrevista

HK - É importante compreender que o funcionamento da psicoterapia está ligado à capacidade de uma pessoa absorvê-la. Os distúrbios per se raramente constituem uma boa base para sua indicação. Algumas pessoas com distúrbios de ansiedade têm bons resultados com medicamentos, outras, com psicoterapia. O problema dessa indicação diferencial é de suprema importância. O amplo espectro de aplicação - que depende do preparo do profissional - constitui a força e a fraqueza dessa área.

Qual a importância da realização de pesquisas científicas em psicoterapia?

HK - Qualquer área que tem por objetivo aliviar o sofrimento humano tem de demonstrar a que veio.

Na Europa, houve resistência à psicoterapia?

HK - A psicoterapia esteve presente na Europa desde a Grécia Antiga. No século 19, ela foi bastante praticada. Quando Freud começou a psicanálise, os psiquiatras alemães não gostaram. Eles a rejeitaram até a metade dos anos 80. No entanto, idéias holísticas estavam vivas na medicina e favoreceram o desenvolvimento da psicoterapia e da medicina psicossomática na Alemanha.

Como o sr. avalia o uso de medicamentos para tratar distúrbios mentais?

HK - A maioria dos pacientes com distúrbios mentais recebe medicamentos - quanto mais grave seu estado, maior a probabilidade de ser necessário adotar medicação. Para o tratamento de depressão profunda já foi demonstrado que a combinação de drogas com terapia interpessoal é muito boa. A manutenção do tratamento por longos períodos, associada à psicoterapia, é promissora.

Entrevista

Como as descobertas recentes em neurociências se relacionam com as origens dos distúrbios psiquiátricos?

HK - Estamos próximos de uma grande revolução na forma como entendemos o funcionamento do cérebro. Isso deverá afetar inclusive as bases da psicanálise.

Quais suas linhas de pesquisa atuais?

HK - Trabalho em vários campos como a mensuração de transferência (sistema de codificação criado por Lester Luborsky que identifica três componentes contidos em episódios não-narrativos dos discursos dos pacientes). Também atuo na análise do vocabulário de pacientes com tratamento bem-sucedido ou malsucedido, na alteração do conteúdo dos sonhos durante o tratamento, num estudo multicêntrico sobre distúrbios alimentares e em suporte psicológico para pacientes submetidos a transplante de medula.